

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 10 • 2001/2002



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2001/2002

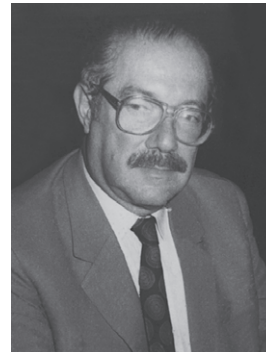
ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 10 • 2001/2002 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Europress, Lda. – Tel. 21 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
10, Oeiras, Câmara Municipal, 2001/2002, pp. 11-37



ELOGIO DO PROF. DR. MANUEL FARINHA DOS SANTOS⁽¹⁾

João Luís Cardoso⁽²⁾

Senhor Presidente da Academia Portuguesa da História, Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão
Exm^a. Família do Professor Farinha dos Santos
Senhora Vice-Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, Dr.^a Teresa Pais Zambujo
Senhor Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões e Vice-Presidente da Academia
Portuguesa da História, Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida
Ilustres Convidados
Senhores Académicos e Caros Confrades
Minhas Senhoras
Meus Senhores

Cumpre-se hoje a obrigação de proferir o Elogio do Professor Manuel Farinha dos Santos, meu antecessor na cadeira n.º 9 desta Academia. É com emoção que o faço, pois habituei-me ao seu convívio amigo nesta mesma sala, que se estendia frequentemente à sua residência. Não esquecerei a insigne figura do humanista, que colocava, acima de tudo, o Ensino e a Ciência que tanto amou e serviu, mesmo na adversidade da doença que, a pouco e pouco, lhe ia retirando as forças. Nesta última fase da sua existência, todo o tempo era pouco para a leitura das últimas obras publicadas de Arqueologia, ciência que cultivou até ao último alento e que, apaixonadamente, continuava a comunicar aos seus alunos do Seminário de Arqueologia que o visitavam assiduamente, até à semana fatídica em que faleceu; assim se revelava o seu espírito: é que um Professor, que verdadeiramente sente e ama a sua profissão, como Farinha dos Santos a amou, só deixa de o ser depois de morto.

⁽¹⁾ Elogio lido na Assembleia Geral Extraordinária de 23 de Abril de 2002 da Academia Portuguesa da História, por ocasião da tomada de posse pelo signatário da Cadeira n.º 9, que pertenceu àquele ilustre Professor e Arqueólogo. Respondeu ao Recipiendário o Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida, Reitor da Universidade Autónoma de Lisboa.

⁽²⁾ Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (CMO).

Ao saudar, em primeiro lugar, a Família, pretendo prestar um preito de homenagem à sua memória, já envolta em pungente saudade, e ao exemplo moral que constituiu toda a sua vida, devotadamente entregue ao estudo e ao ensino, superando-se a si próprio, com uma vontade e energia que distinguem os grandes espíritos. Evoco emocionado as múltiplas provas de amizade e de confiança que dele recebi, de que destaco a proposta que viabilizou a minha eleição como acadêmico correspondente, a 18 de Dezembro de 1996 e, depois, a vontade expressa para que lhe sucedesse na cadeira que tão brilhantemente ocupou. Tal sucessão ocorreu ainda em sua vida, depois de o Conselho Académico o ter distinguido, em sessão de 6 de Dezembro de 2000, com a sua ascensão a Académico de Mérito, pelos altos serviços prestados à Academia. É por isso que, doravante, usarei este colar que foi seu, e que agora me foi imposto por seu manifesto desejo. Nele, ao seu nome gravado, juntou-se o meu próprio nome. Usá-lo-ei, pois, como insígnia académica que é, dentro e fora desta Academia, com a responsabilidade acrescida de assim estar, também, a honrar a memória, sempre presente, do Amigo querido.

O Professor Manuel Luís de Macedo Farinha dos Santos nasceu a 24 de Agosto de 1923, na freguesia da Penha de França, da cidade de Lisboa, vindo a morrer nesta mesma freguesia a 29 de Setembro de 2001.

Seu pai, então com 25 anos, era tenente miliciano de Engenharia e engenheiro de máquinas pelo Instituto Superior Técnico e sua mãe, ao tempo com 17 anos, era aluna do Curso de Piano do Conservatório Nacional de Lisboa. A partir dos 15 dias de idade, em virtude de sua Mãe ter contraído tifo, passou a ser criado pelos avós maternos, com quem viveu até ao fim da adolescência. Entretanto, aos 10 anos, ficou órfão de pai, no mesmo ano em que morria também o avô com quem vivia, um dos “heróis da República” por ter comandado, como capitão, uma das forças que expulsou de Chaves, em 1912, Paiva Couceiro, com risco da própria vida, tendo sido então gravemente ferido por um tiro na cara.

Sua avó cedeu-lhe então junto ao quarto, um escritório com a biblioteca do falecido marido, constituída por centenas de livros e revistas de História e de Literatura, a maioria do século XIX. Dessas solitárias leituras, nasceu-lhe o gosto pelo estudo dessas matérias, que manteve pela vida fora.

A numerosa família vivia no mesmo casarão, de quatro andares, e tomava as refeições em conjunto na ampla sala de jantar. Nos anos seguintes, morreram outros familiares e os bens existentes foram dissolvidos. Assim, aos 16 anos viu-se obrigado a dar explicações e empregou-se, como dactilógrafo, num escritório da Baixa; aos 17 anos esteve, como assalariado, na 10^a. Repartição de Contabilidade do Ministério da Educação Nacional e com 18 anos, concorreu a 2^o. Escriturário da Contabilidade da Intendência Geral dos Abastecimentos onde chegou a 3^o. Oficial, cumprindo entretanto o serviço militar como Alferes de Infantaria. Entretanto, concluiu, o 7^o. Ano, no Liceu Camões onde, pela primeira vez se distinguiu na disciplina de Literatura.

Depois de desistir de ingressar no Instituto Superior Técnico, a que se candidatara por influência de sua Mãe, que o queria engenheiro, matriculou-se no curso de Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras de Lisboa, em 1942, com 19 anos.

Em anos lectivos sucessivos, realizou, como aluno voluntário, as diversas disciplinas do curso. Entretanto, aos 23 anos, casou-se com senhora, de nome Esmeralda, sua devotada companheira até ao fim

da vida, que lhe sobreviveu escassos quatro meses. A sua presença assídua ao lado do marido, sobretudo quando este mais precisava da sua ajuda e apoio, o carinho com que o acompanhava em todas as circunstâncias, como escavações arqueológicas, simples saídas de campo ou congressos em Portugal ou no Estrangeiro, disposta a sujeitar-se a todos os sacrifícios, deve ser recordada e enaltecida, como exemplo ímpar de dedicação conjugal.

Entre os 25 e os 27 anos, nasceram o seu filho, Manuel, cuja morte sentiu duramente e sua filha Margarida.

Ao mesmo tempo, tirara, como aluno voluntário, os cursos de Árabe e de Sânscrito no Instituto de Línguas Orientais da Escola Superior Colonial, convivia com poetas e artistas, decorava extensos trechos de “Os Lusíadas” e de outros poemas, actuava no Grupo Coral do Clube da Estefânia, e embrenhava-se no estudo das principais religiões, dos seus livros sagrados e rituais, numa actividade intensa e polifacetada, condizente com a sua sede de participar, de aprender e de saber, fascinado pela natureza humana e seus mistérios.

Ao serviço do Ministério do Ultramar, partiu para o Oriente em Agosto de 1954; cumprida a missão oficial, regressou em Outubro de 1956, enriquecido pelos contactos com outras gentes e a visita a ruínas esquecidas de velhas civilizações, que lhe aguçaram a paixão pela Arqueologia.

Já com 34 anos, matriculou-se nas cadeiras que lhe faltavam na Faculdade e começou a pensar na dissertação de licenciatura, então obrigatória. Entre as múltiplas actividades referidas, tornando-se leitor atento das obras de Leite de Vasconcellos e frequentador de um curso livre de Arqueologia, ministrado por Afonso do Paço, que viria a ser seu antecessor na Cadeira n.º 9 desta Academia, num 1.º Andar do Largo do Mitelo; resolveu-se, assim, a apresentar como prova final do Curso, uma dissertação em Arqueologia. Já então dispunha de dois ingredientes essenciais ao sucesso de qualquer empresa: a vontade de saber e a ânsia de realizar, atributos que viria a conservar pela vida fora.

Decidiu-se, para tal, a esperar um dia Manuel Heleno, à saída de uma aula e, informando-o do seu projecto, pediu-lhe para ser recebido, ao que aquele acedeu, depois de certa hesitação perante aluno que via pela primeira vez. Apesar do feito difícil, distante e severo daquele Professor, no dia seguinte já estava instalado na Biblioteca do Museu Etnológico a consultar livros e, coisa rara, com autorização para examinar as vitrines com espólios inéditos. Ao fim de alguns dias inteiramente dedicados à consulta de livros e observação de materiais arqueológicos, propôs ao Professor Heleno um estudo sobre as peças de “terra sigillata”, pertencentes às colecções daquele Museu. Este, que amiúde o observava, discretamente, quando atravessava a biblioteca para entrar no seu gabinete, aceitou tal temática, convidando-o, como o próprio declarou, com um sorriso que ainda não conhecia naquele semblante habitualmente severo e distante, para almoçar. Ao longo de seis meses foi-se perfilando a dissertação que, graças à orientação de Manuel Heleno e à ajuda gráfica de uma colaboradora do mesmo, Maria Graciana Dias Marques, hoje membro desta Academia, que então trabalhava ao lado do gabinete de Manuel Heleno no espólio de Leite de Vasconcellos, ficou concluída na data aprazada. Nessa altura, já se tinha radicado em Farinha dos Santos o valor pelas escavações metódicas, servindo-lhe a experiência adquirida nas explorações da Tróia de Setúbal, onde foi colaborador de Manuel Heleno, entre 1957 e 1963.

A partir de 1962, depois de tirar um curso de Espeleologia, no âmbito de Sociedade Portuguesa de Espeleologia, com Carl Harpsoe, então cônsul da Dinamarca em Portugal e o geólogo Jaime Martins Ferreira, explorou dezenas de grutas do maciço calcário estremenho, tendo, em muitas, reconhecido depósitos arqueológicos. Alguns desses resultados constam de relatórios inéditos entregues à Junta Nacional da Educação.

Entretanto, criara-se forte empatia entre o estudante e o Professor, mantida até ao fim da vida de Manuel Heleno. Fiel ao Amigo que o tinha ajudado, Farinha dos Santos traçou, sobriamente mas de forma límpida e objectiva, como era de seu timbre, o essencial da personalidade e actividade científica daquele Professor, em estudo bem documentado publicado por esta Academia, em 1987, salientando, corajosamente, os aspectos positivos da sua docência e investigação, quando era costume denegrir sistematicamente a sua obra, especialmente por parte de muitos sem autoridade moral para o fazer, como infelizmente é de norma. Para provar o desconhecimento por parte dos seus detractores e a falta de fundamento da maioria de tais críticas, bastaria referir a aquisição pelo Estado, através do Museu Nacional de Arqueologia, em 1998, por vários milhares de contos, dos seus cadernos de campo, repositório precioso de anos e anos de trabalhos de campo e de escavações arqueológicas.

Concluída a dissertação de Licenciatura, em Julho de 1958, com a nota final de Bom (numa época em que as classificações de Bom eram raras, mormente as atribuídas pelo severo Professor Heleno), Manuel Farinha dos Santos foi por este convidado para segundo assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, no ano lectivo de 1959/1960. Iniciou-se, então, nova etapa da sua vida. Ciente de que o ensino da Arqueologia requeria uma forte e exigente componente prática, mandou fazer uma grande mesa circular, com tampo rotativo, para as aulas práticas da disciplina de Pré-História, do novo curso de História e da de Arqueologia, da antiga reforma, ainda então vigente. Essa mesa ainda existe, no Museu Nacional de Arqueologia, então organismo anexo à Faculdade de Letras, onde as referidas aulas tinham lugar. No ano lectivo seguinte, assumiu a regência da disciplina de Pré-História, que manteve por sete anos, tendo, entretanto, acumulado em alguns anos com as de Antiguidade Oriental, Numismática e História da Arte, esta última depois da doença que atingiu o Prof. Mário Chicó.

Durante esse percurso como docente universitário, realizou no Museu Nacional de Arte Antiga o curso de Conservadores dos Museus Palácios e Monumentos Nacionais. Cabe aqui referir um episódio que lhe ouvi: no exame oral, para discussão do trabalho que submetera a apreciação, intitulado “O pintor Sousa Lopes”, o Prof. Manuel Heleno, conhecedor da personalidade forte do examinando, excedeu-se, deliberadamente, na forma do diálogo: isso provocou imediata reacção, de sinal contrário do examinando, manifestando-se este disposto a abandonar o exame. Quando tudo parecia perdido, aguardando-se, no exterior, o previsto veredicto negativo do júri presidido pelo Dr. João Couto, para surpresa de todos, Farinha dos Santos foi distinguido com a mais alta classificação. Inquirindo depois o Professor Manuel Heleno sobre as razões de tão insólito desfecho, este respondeu-lhe que, conhecendo muito bem a sua frontalidade, decidiu espicaçá-lo para, deste modo, melhor sobressaírem as suas qualidades de rigor e a segurança dos conhecimentos. A classificação obtida, de dezoito valores, valeu-lhe ser nomeado depois

professor daquele curso e, em 1968, Director do Panteão Nacional, cargo de que iniquamente foi afastado em 1975, para ser reintegrado com a mesma categoria em 1982, mas não ressarcido de todos os desgostos sofridos.

Entretanto, nos finais da década de 1970, despontavam as primeiras tentativas de ensino particular e cooperativo universitário. Não admira que o Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão o tenha convidado, para com ele erguer, na Universidade Livre, a Licenciatura em História, cujo primeiro ano de funcionamento remonta a 1977/1978. Ali regeu as disciplinas de Arqueologia, e de Epigrafia e Numismática Greco-Romanas. Houve oportunidade de trocar impressões com alunos seus, nesta fase de arranque do ensino particular universitário em Portugal. Todos salientaram a visão do Professor, que entendia a que a Arqueologia, para ser bem ensinada, deveria ser obrigatoriamente acompanhada de aulas práticas, de preferência no campo, que é onde tudo deve começar. As suas escavações eram, assim, um modelo de rigor, correspondente à aplicação da metodologia previamente transmitida aos seus alunos. Ensinava com benevolência e precisão, onde à serenidade se irmanava indisfarçável entusiasmo, mas era exigente, consciente de que só um bom ensino poderia formar profissionais competentes. Ao contrário de muitos outros arqueólogos, não temia que os seus alunos procurassem outros colegas para, em trabalhos de campo mais ou menos prolongados, aperfeiçoarem os conhecimentos: incentivava mesmo essa procura, como testemunhei pessoalmente, em anos sucessivos, em escavações por mim orientadas.

Em 1986 tornou-se cooperador-fundador da Universidade Autónoma de Lisboa, tendo leccionado até ao ano lectivo transacto a disciplina de Pré-História e, até ao seu falecimento, o Seminário de Arqueologia. Ali desempenhou, sucessivamente, as funções de Assistente, de Professor Extraordinário e de Professor Catedrático Convidado. A investigação, que sabia dever acompanhar de perto o ensino, tanto da parte dos docentes como dos discentes, promovendo nestes a curiosidade e o desenvolvimento de iniciativas susceptíveis de fazerem despontar os mais capazes, levou-o à criação do Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade Autónoma de Lisboa, de que foi o primeiro Director, ao abrigo do qual muitos trabalhos de campo se fizeram. A excelência do seu labor, inclusivé em tarefas administrativas a que os docentes se vêm obrigados a aceitar, justificou público louvor, do então Director do Departamento de Ciências Humanas, Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem, do seguinte teor:

“Tendo cessado funções no passado dia 24, como Subdirector do Dep. de Ciências Humanas para o Curso de História, o Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos, hei por bem louvá-lo publicamente, destacando a extrema dedicação e empenho com que, ao longo de cerca de 4 anos, exerceu os cargos de Vogal do Dep. de História (1991-1992) e Subdirector do Departamento de Ciências Humanas para o Curso de História (1993-1995). Lisboa, 26 de Julho de 1996”.

Verdadeira figura de referência, por quem os alunos sentiam verdadeira admiração como tive por várias vezes oportunidade de presenciar, e de quem sempre recebiam palavras de estímulo, despertava vocações, sempre com o espírito atento e disponível, concedendo apoio objectivo a todos os que o procuravam para progredirem nos seus trabalhos: a sua biblioteca pessoal encontrava-se sempre franqueada a quem dela tivesse necessidade. A sua acção prestigiou o ensino da Arqueologia em Portugal, que o mesmo é dizer, a Universidade Autónoma de Lisboa.

Estas qualidades, que distinguem o simples professor, enquanto mero agente transmissor de conhecimentos, do Mestre prestigiado criador de Escola, justificou a homenagem de que foi alvo, por parte da Universidade que serviu, a 28 de Maio de 1998. Repleto o auditório do pólo da Boavista, a saudação esteve a cargo do Reitor, Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida que, significativamente, a intitolou “Manuel Farinha dos Santos: uma vida consagrada à Arqueologia (40 anos de actividade cultural)”. Nesta cerimónia, o papel de sua esposa, foi convenientemente salientado; a sua inquebrantável dedicação, repita-se, mesmo nas horas amargas, quando a injustiça se abateu sobre Farinha dos Santos, constituiu o seu principal sustentáculo anímico, e explica, em grande parte, a grandeza da obra e a simplicidade do homem.

Com o surto de desenvolvimento tecnológico e industrial que o País conheceu nos inícios da década de 1970, a sua visão dos acontecimentos, servida por um espírito objectivo e sempre atento, manifestou-se de forma inovadora e, como sempre, com resultados práticos. Refiro-me à criação do Grupo de Trabalhos de Arqueologia do Gabinete da Área de Sines, em Junho de 1972. É escusado salientar o pioneirismo desta iniciativa, a primeira que, com bases sólidas e alicerçada institucionalmente, se organizou a nível nacional, com o objectivo de estudar, valorizar e divulgar o património arqueológico de uma vasta área, interessada pela construção do gigantesco complexo urbano-industrial e portuário de Sines e respectivas vias de acesso. Foi então organizado um ambicioso programa de trabalhos, que passaram pela prospecção de campo, pela escavação das estações mais importantes e, enfim pela valorização e publicação das mesmas.

Hoje, quando a chamada “Arqueologia de Salvamento” e os estudos de impactes ambientais estão na ordem do dia, incluindo a componente arqueológica, não será de mais salientar o esforço solitário de há precisamente trinta anos: já então o Professor Farinha dos Santos tinha posto em prática idêntica tarefa, que hoje se nos afigura desmesurada para tão limitados recursos, mas cujo êxito se encontra plenamente demonstrado pelos resultados do trabalho desde então desenvolvido, por si e depois pelos seus valiosos colaboradores, os Drs. Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares que continuam a trabalhar na região: é caso para dizer que a semente então lançada à terra germinou e multiplicou-se, sob a forma de dezenas de publicações, da mais alta valia científica, para além de outras consequências, de ordem imaterial, difíceis de contabilizar.

Durante dez anos, de 1964 a 1974, foi vogal da sub-secção de Arqueologia da Junta Nacional da Educação, órgão consultivo do Ministério da Educação Nacional a quem competia emitir pareceres sobre a actividade arqueológica. Os numerosos pareceres por si apresentados, sempre gratuitamente, mostram bem a ponderação e equilíbrio com que eram elaborados, com a preocupação primordial da defesa do nosso rico património arqueológico, que o aludido surto de desenvolvimento punha cada vez mais em causa.

A salvaguarda desse rico manancial, ainda quase totalmente por estudar, sabia que só se poderia fazer com base na instrução generalizada de todas as classes sociais, a quem deveria chegar informação acessível, mas carregada de forma exacta e rigorosa. Assim se explica as dezenas de palestras sobre Arqueologia que proferiu aos microfones da Emissora Nacional e, mais tarde, sob a forma de entrevistas na Televisão, as múltiplas conferências e palestras que apresentou por todo o País, sempre que era para tal convidado, numa tão notável quanto desinteressada actividade de extensão cultural e, sobretudo, a direcção das colecções da

Editorial Verbo “Historia Mundi” e “Biblioteca das Civilizações Primitivas”, no âmbito das quais saíram, respectivamente, 40 e 14 volumes. Este esforço extraordinário de fazer chegar a preços acessíveis e à generalidade de uma população cada vez mais interessada em conhecer as suas próprias raízes, que o mesmo é dizer, as origens e desenvolvimento da Humanidade, beneficiou muitos e muitos daqueles que, hoje, fazem da Arqueologia a sua actividade de todos os dias ou, simplesmente a consideram como uma das suas áreas de interesse geral. Verdadeiramente de iniciação foi o livro, por si especialmente escrito para a segunda daquelas colecções, intitulado “Pré-História de Portugal”, com três edições (1972, 1974 e 1985). Este livro marcou uma época. Ali se revelou, para muitos, pela primeira vez, como foi o meu caso, ainda aluno do 5.º Ano do Liceu Normal de Pedro Nunes, o portentoso passado pré-histórico de Portugal. Elaborado com os objectivos já aludidos, servido por escrita tão despreziosa quanto cuidada e acessível, constituiu contributo inestimável cujas consequências, para o conhecimento e defesa do nosso património, pelas vontades e interesses que conseguiu mobilizar por todo o País, a começar pelos investigadores locais, são hoje difíceis de contabilizar.

Nessa linha de preocupações pela formação de todos, mais ou menos jovens, se inscreve a leccionação, entre 1966 e 1972, de diversos cursos livres de Iniciação à Arqueologia, nos quais tive, em 1972, o privilégio de escutar, pela primeira vez, no Centro Piloto de Arqueologia do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, instalado então no rés-do-chão deste mesmo palácio onde nos encontramos. Foi ainda com esse objectivo, que abraçou entusiasticamente o projecto dirigido pelo Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, dos Cursos Livres de Santarém, nos inícios da década de 1980, nos quais regeu, aos sábados, as disciplinas “Iniciação à Arqueologia do Ribatejo”, “Iniciação à Arqueologia da Península Ibérica” e “Arqueologia Romana em Portugal”, abertos a todos os que pretendiam aumentar e melhorar os seus conhecimentos no domínio da História de Portugal.

Mais tarde, na Universidade Autónoma, promoveu o Curso de especialização em Arqueologia, com duas edições, em 1990/1991 e 1991/1992, a que se seguiu, mais tarde os Cursos Livres “Arqueologia da Estremadura”, em 1997/1998, e de “Arqueologia de Portugal, com duas edições (1998/1999 e 1999/2000), sempre com o propósito de fazer chegar a todos os interessados – e muitos foram – uma informação actualizada sobre o muito que, em Portugal, se ia fazendo no domínio em apreço.

A qualidade do seu trabalho foi desde cedo reconhecida além fronteiras. A convite do Prof. Martin Almagro, proferiu duas conferências na Universidade Complutense de Madrid e uma outra no CSIC. Estabelecendo boas relações de amizade com os mais eminentes arqueólogos do país vizinho, entre outros com o Prof. Francisco Jordá-Cerdá, Catedrático de Arqueologia de Salamanca, isso reverteu a favor de terceiros, com a viabilização do doutoramento em Arqueologia, naquela Universidade, de diversos discípulos, para além de outros benefícios, que ainda hoje se fazem sentir na sua Universidade, como a recente criação dos cursos de Mestrado e de Doutoramento em Arqueologia, em parceria com aquela prestigiada universidade espanhola bem evidencia.

É também digna de destaque a sua actividade na Associação dos Arqueólogos Portugueses, onde ingressou como sócio efectivo da secção de Pré-História em 1967. Ali desenvolveu intensa actividade, tanto de carácter científico, consubstanciada nas comunicações publicadas no órgão da Associação, a revista

“Arqueologia e História”, como associativo. Em Julho de 1969, foi eleito em uma direcção presidida pelo Prof. Doutor Fernando de Almeida e da qual faziam parte o Dr. Alberto Iria, o Doutor O. da Veiga Ferreira e o Dr. José Timóteo Montalvão Machado. Essa direcção foi reeleita, excepção feita a Veiga Ferreira, em 1972; durante os seis anos que esteve à frente dos destinos da centenária Associação, foram apresentados trabalhos da mais alta valia, todos regularmente publicados. Mas onde a sua actividade mais se distinguiu, no seio daquela Associação, foi na Secção de Pré-História. Em 25 de Novembro de 1969, foi eleito seu Presidente, para o mandato de 1969-1972. Logo se fez sentir o seu dinamismo, pois no decurso do ano associativo de 1970 todos os meses, de Janeiro a Junho, se apresentaram comunicações, todas de elevado interesse, e organizou-se um Colóquio, em Maio, dedicado à problemática da terminologia arqueológica. A pujança desta Secção aumentou no ano seguinte, conforme se deduz do circunstanciado relatório de sua autoria, publicado em 1971: de Outubro de 1970 a Junho de 1971, todos os meses foram preenchidos por comunicações de sócios, a maioria delas publicadas nas páginas da revista já mencionada; ao mesmo tempo, houve a preocupação de fazer ecoar tais reuniões nos órgãos de comunicação social da época: o Diário de Notícias, República, A Capital, Primeiro de Janeiro, O Século, A Voz, Diário da Manhã, Jornal de Notícias, Diário de Lisboa, Novidades, Época, O Comércio do Porto, Jornal do Comércio, e outros, noticiaram regularmente as sessões, como se refere no Relatório desse ano, levando o nome da Associação ao conhecimento do grande público. E o mesmo se verificou no ano associativo seguinte (1971-1972). Não espanta, assim, que Manuel Farinha dos Santos tenha sido reeleito como Presidente da Secção de Pré-História para novo mandato, na Assembleia Geral de 3 de Novembro de 1972, que deveria terminar em Novembro de 1975. Porém, apenas até 1974 a secção funcionou com o dinamismo e a regularidade, mercê da acção de Manuel Farinha dos Santos. O último volume da IX Série da referida Revista, respeitante a 1973, foi impresso em Agosto de 1974; o seguinte, só veria a luz do dia em ... 1990!

Entretanto, tomou posse como director do Museu da Associação, em Fevereiro de 1971, tendo-se, de imediato, ocupado das tarefas consideradas mais urgentes, a saber: a inventariação da colecção de numismática e o restauro da colecção de estatuetas pré-colombianas, oferecidas pelo Conde de São Januário, em finais do século XIX, e que veio encontrar embrulhadas em jornais. Foi, ainda, Secretário-Geral das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, que decorreram de 13 a 15 de Outubro de 1972, cujas actas foram prontamente publicadas em 1973 e 1974, ainda sob sua orientação.

Há realmente pessoas que, pela sua actividade, esforçada, empenhada e desinteressada em prol de uma causa comum, se tornam, em determinadas épocas, indispensáveis à vida normal de muitas instituições, em especial das que perseguem fins puramente científicos. Por mais de uma vez lhe ouvi referir os esforços incríveis que possibilitaram o quase milagre da edição regular da Revista, viabilizada por subsídios que, pessoalmente, Farinha dos Santos ia solicitando às entidades competentes, com destaque para a Câmara Municipal de Lisboa. Claro está que esta fase brilhante da vida associativa impunha, a todos, dedicação, disciplina e esforço desinteressados, nunca regateados pelo próprio, mas nem sempre aceites ou compreendidos: num momento em que o materialismo exacerbado domina os interesses dos homens, mesmo na actividade científica, de onde aquele deveria estar mais arredado, é de destacar o exemplo de Farinha dos Santos: assim ele fique, aqui e agora, devidamente registado.

Manuel Farinha dos Santos foi recebido na Academia Portuguesa da História em 23 de Janeiro de 1970, como Académico Correspondente, tendo sido elevado a Académico de Número em 18 de Abril de 1980, por eleição. Entre 21 de Maio de 1971, e 17 de Março de 1999, apresentou dezanove comunicações, das quais foram publicadas sete.

A assiduidade da sua presença, bem expressiva é da devoção que consagrava à Instituição; não se inscrevia, felizmente, no grupo daqueles que gostam, sobretudo, de se ouvir falar, mais do que ouvir falar os outros. As suas comunicações denunciavam actualização do próprio nos progressos científicos verificados nas respectivas matérias, exemplarmente expressa na comunicação de 9 de Abril de 1997 intitulada “Principais acontecimentos e descobertas na Arqueologia Pré-Histórica em Portugal na década de noventa”. Da mesma forma, intervinha regularmente nos debates, sempre com a objectividade de todos conhecida, indo directamente ao essencial da questão, quando entendia dever objectar, rectificar ou pedir esclarecimentos, não se limitando às palavras de circunstância que alguns julgam serem as únicas ouvidas nas Academias, designadamente os que a elas não pertencem.

Tais circunstâncias levaram a que, por falecimento do Prof. Doutor Fernando de Almeida, ocorrido a 29 de Janeiro de 1979, o Conselho Académico propusesse que a cadeira n.º 9, fosse ocupada por Manuel Farinha dos Santos, pelo seu mérito próprio, pelas múltiplas provas dadas de interesse pela vida académica, bem como pela garantia de que a obra científica do antecessor teria o Elogio Histórico merecido, dadas as relações de franca colaboração e estreita amizade de há muito existentes entre ambos. Tal viria a verificar-se a 18 de Abril de 1980. Logo no ano seguinte, a 20 de Fevereiro de 1981, foi eleito Secretário Geral, cargo que desempenhou no triénio de duração do mandato, de forma exemplar e dedicada, sendo o Conselho Académico presidido pelo Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, tendo por Vice-Presidentes o Prof. Alberto Iria e Banha de Andrade e, como vogais, os Drs. José Timóteo Montalvão Machado e Vítor Braga Paixão.

Retomando a sua condição de Académico de Número, continuou a participar activamente na vida da Academia. Por ocasião das comemorações do cinquentenário da restauração da Academia Real da História Portuguesa, apresentou, em 24 de Outubro de 1986, a comunicação “os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História”, numa sessão evocativa dos arqueólogos que foram Vice-Presidentes da Academia ou seus Membros, a qual viria ulteriormente a ser publicada, em 1987, nos respectivos Anais. No ano seguinte, representou oficialmente a Instituição, no Simpósio Bronze Final na Beira Interior, realizado por iniciativa da Câmara Municipal de Mação. Nesse mesmo ano, sujeitou-se a uma melindrosa operação cirúrgica, cujas probabilidades de sucesso eram baixas. Felizmente, conseguiu vencer o mal, mas jamais recuperou a robustez física de que anteriormente gozava. Tal facto impediu-o de entregar para publicação uma das mais importantes comunicações por si apresentadas à Academia, em 1985, dedicada aos resultados das escavações por si dirigidas na estação mesolítica da Fonte da Moça, Almeirim. Mais tarde, a 16 de Fevereiro de 1990, já em parte restabelecido, foi-lhe endereçado convite pelo presidente da Academia, para proferir a saudação ao Académico espanhol José Carro Otero, Catedrático da Universidade de Santiago de Compostela, que cumpriu com a usual sobriedade. Como preito de gratidão para com o seu Mestre, Prof. Manuel Heleno, apresentou em 1994 a sua evocação, por ocasião do centenário do seu

nascimento; fiel e grato aos seus Amigos, colaborou nos Volumes de Homenagem dedicados aos Prof. Doutores Joaquim Veríssimo Serrão e Justino Mendes de Almeida, ambos saídos do prelo em 1999, com estudos em que tive a honra de com ele partilhar a autoria. Foram estes os derradeiros trabalhos que publicou na Academia. Mas o labor aqui desenvolvido, se bem que intenso, foi apenas uma parte da sua prodigiosa actividade, impossível de ser adequadamente caracterizada nesta curta evocação, tal o volume e a diversidade da obra publicada.

A actividade científica de Manuel Farinha dos Santos, que dispensa forte adjectivação, ascende a 150 trabalhos, redigidos ou publicados entre 1958 e 1999.

É lugar comum o de o bom professor, para o ser, ter forçosamente de desenvolver investigação pessoal das matérias por si leccionadas, às quais se deve dedicar em exclusividade.

Sem dúvida que onde Farinha dos Santos mais se notabilizou foi no difícil domínio da arte pré-histórica, pelo qual sentia verdadeiro fascínio. Ali, os aspectos recônditos da mente humana, expressavam-se em figuras mais ou menos naturalistas ou simbólicas, dando lugar à pura interpretação cognitiva de dados arqueológicos que, melhor do que quaisquer outros, eram o reflexo directo da humanidade primitiva e da sua dura luta pela sobrevivência, dos seus dramas, anseios, crenças, temores e tradições, no seio de uma Natureza quantas vezes hostil, regida por forças desconhecidas, das quais dependia em absoluto.

Não espanta, pois, que tenha sido a gruta do Escoural, no concelho de Montemor-o-Novo, como a estação arqueológica a que se dedicou com mais afinco, celebrizando-a internacionalmente: ainda hoje, constitui a única gruta do ocidente peninsular com manifestações artísticas do Paleolítico Superior, entre as quais se podem observar silhuetas de cavalos, representações de touros selvagens, símbolos abstractos, figuras híbridas, algumas de marcado simbolismo. Limito-me, para não alongar demasiadamente esta resenha, a evocar uma bem conhecida cena, gravada a traço contínuo na parede da gruta, representando a “maternidade”, em que de uma corça, representada pela cabeça e tronco longilíneo, parece desprender-se uma cria, de muito menores proporções. Pintadas e gravadas nas paredes rochosas da cavidade, deve-se a Manuel Farinha dos Santos o mérito de ter estudado e publicado tais representações, em Portugal e depois, em França, recorrendo à colaboração do malgrado Padre Glory.

É de forma emotiva que o próprio nos descreve, em 1964, as condições da descoberta: “No fim da tarde de 17 de Abril de 1963, os operários que trabalhavam na pedreira da herdade da Sala (...), ao desprender um bloco de mármore com um tiro de pólvora, viram abrir-se um buraco onde se podia introduzir, com facilidade, um homem. (...).

Um desses operários, de nome Valentim Domingos Fernandes, penetrou na cavidade servindo-se de fósforos como meio de iluminação e descendo a rampa ali existente chegou a uma grande sala em cuja superfície viu crânios, ossos longos e vasos. Surpreendido e momentâneamente atemorizado, voltou ao exterior e contou aos seus camaradas o que observara.

Estava descoberta a gruta do Escoural!”

A importância científica da gruta resumia-se, de início, à existência de uma vasta necrópole que, no Neolítico, se instalou em um grande sala, denunciada à superfície pelos referidos despojos humanos e

materiais arqueológicos. Impondo-se, de imediato, a tomada urgente de providências, Farinha dos Santos, com o apoio de Manuel Heleno, iniciou os trabalhos preliminares, que se prolongaram ininterruptamente, de 28 de Abril a 11 de Setembro de 1963. A partir de 12 de Setembro, concluídos os levantamentos das galerias conhecidas, deu-se início à escavação propriamente dita. Entretanto, os traços muito sumidos, a vermelho e negro, observados nalguns locais da gruta, despertavam o interesse de muitos arqueólogos que visitavam o local, sem saberem interpretá-los; foi só a 10 de Outubro que Farinha dos Santos, resolvendo suspender da parte da manhã a escavação em curso, voltou a examinar os traços conhecidos, lembrando-se de os avivar, borrifando-os com água: nova e emocionante descoberta se lhe deparou, segundo palavras do próprio: “Ao salpicar um conjunto de traços sumidos, de interpretação duvidosa e já observados muitas vezes, apareceu, com toda a nitidez, uma espantosa figura híbrida e itifálica, como que a anunciar, por recursos de magia, uma arte paleolítica que durante cerca de seis meses se recusara a mostrar-se...”.

Pela sua relevância científica e patrimonial, foi a gruta do Escoural classificada como Monumento Nacional, pelo decreto 45 327, de 25 de Outubro de 1963 firmado pelo Ministro da Educação, que assim serviu os superiores interesses da Ciência. Hoje em dia, quanto tanto se fala – e bem – da defesa e salvaguarda do Património, a celeridade do processo de classificação do Escoural, ficará como paradigma da defesa eficaz e consequente do nosso Património Arqueológico e exemplo que convinha mais vezes ver seguido.

Nas décadas seguintes, as investigações prosseguiram na gruta vindo a descobrir-se mais gravuras rupestres, cujo levantamento exaustivo ficou, porém, por concluir, e estenderam-se ao outeiro adjacente, no qual se identificou um importante povoado fortificado calcolítico, bem como um santuário rupestre do final do Neolítico, abandonado aquando da instalação do povoado pré-histórico. De tais descobertas, nos dão conta importantes estudos, publicados no país vizinho, em co-autoria. A necrópole neolítica, cuidadosamente levantada por Farinha dos Santos, e primorosamente desenhada, sob sua orientação, por técnico posto à sua disposição por Manuel Heleno, não teve, porém, a mesma sorte: impedido, circunstancialmente, por razões de saúde, de elaborar a sua sonhada e jamais esquecida monografia, os referidos originais, guardados naquela Instituição, acabaram por ser aproveitados por terceiros ...sem que, sequer, o seu nome fosse referido no sítio próprio. Farinha dos Santos, por saber de experiência feita, conhecedor das grandezas e misérias do género humano, suportou mais este episódio em silêncio, senão mesmo com genuíno desprendimento. Nesta, como em outras situações, afirmou-se o seu carácter superior e sereno, certo de que o juízo da História, acabará por ser inexoravelmente feito.

Farinha dos Santos dedicou apenas duas notas à ocupação neolítica da gruta do Escoural, ambas publicadas nas Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Coimbra, em 1970, além de entrada publicada em Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, em 1968. Uma delas é particularmente importante, por documentar a presença, em pleno interior alto-alentejano, de fragmentos de cerâmicas decoradas pela impressão da concha do *Cardium edule* (o vulgar berbigão) e por isso chamadas de cerâmicas cardiais, dos primórdios do Neolítico Antigo, remontando à segunda metade do VI milénio a. C. quando, então, se julgava que tais materiais se confinavam à orla costeira. Deste modo, tais achados vinham abrir

novas perspectivas sobre os mecanismos que presidiram à neolitização da parte meridional do território português, designadamente a existência de uma via de difusão interior, oriunda da alta Andaluzia/Extremadura espanhola, a qual só muito recentemente voltou a ser reequacionada, mercê da descoberta do povoado aberto do Neolítico Antigo de Valada do Mato, no concelho de Évora.

Outro aspecto importante da gruta do Escoural, e que não passou despercebido a Farinha dos Santos, infelizmente reduzido a curta referência em comunicação apresentada ao XVII Congresso Nacional de Arqueologia, reunido em Zaragoza em 1985, foi menção à existência de materiais mustierenses, recolhidos *in situ*, na brecha da base do enchimento, cuja importância não lhe passou despercebida, ainda que até época recente, fosse muito difícil reconhecer a intencionalidade do talhe em tal tipo de materiais: uma vez mais, impunha-se o seu espírito analítico e objectivo.

Mas a arte rupestre tinha-o definitivamente seduzido; até ao fim, ocupou lugar primordial entre os seus interesses científicos, publicando, entre outros, sozinho ou em co-autoria, notícia sobre a estação de arte rupestre de Fratel, sobre o Tejo, na prestigiada revista londrina *Antiquity*, em 1973; os podomorfos de Peroliva, do concelho de Reguengos de Monsaraz, em comunicação apresentada ao I Congresso Internacional de Arte Rupestre, reunido em Caspe, Zaragoza, publicado em 1986/1987; a Fraga das Passadas, do concelho de Valpaços, na revista *Zephyrus*, da Universidade de Salamanca, em 1994 e, finalmente, em 1996/1997, nos Anais da Universidade Autónoma de Lisboa, o estudo “Gravuras rupestres do distrito de Bragança: elementos para a sua localização e estudo”, precioso repositório de informações que, cedo ou tarde, aproveitará a alguém.

Neste âmbito, merece destaque a extensa entrada publicada na *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, em 1980, de nove páginas, dedicada à “Arte rupestre em Portugal”, para além de muitas outras, sobre os principais sítios europeus com arte parietal paleolítica, de que se tornou aplicado cultor. Mas era à sua querida gruta do Escoural que voltava, sempre, às suas preocupações: daí a justa homenagem que o distinguiu, em Outubro de 1988, com a realização de um Colóquio Internacional comemorativo dos 25 anos da descoberta da gruta do Escoural, organizado pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, cujas actas se publicaram dois anos volvidos.

Nesta rápida peregrinação pelos temas científicos que mais queridos foram a Farinha dos Santos, não poderíamos deixar de referir os importantes estudos sobre o Mesolítico. No vale do Sado, descobriu e publicou os concheiros mesolíticos do Barranco da Moura e de Fonte da Mina. Na qualidade de Conservador-adjunto do Museu Nacional de Arqueologia, lugar desempenhou a título gratuito, a convite do Prof. Doutor Fernando de Almeida, quando este assumiu a direcção do mesmo, teve acesso aos espólios e levantamentos de campo das escavações efectuadas em outras estações congéneres do vale do Sado. Do labor então desenvolvido, resultaram estudos valiosos, em co-autoria com C. Tavares da Silva e J. Soares, sobre as estações do Cabeço do Pez e da Barrada do Grilo.

Outra área de interesse do Professor Farinha dos Santos foi a do megalitismo. Em particular, os monumentos do verdadeiro paraíso megalítico de Monsaraz, na expressiva designação do nosso saudoso confrade José Pires Gonçalves, deslumbraram-no, pelas relações patentes em alguns deles com a arte pré-histórica.

Não tenho dúvidas em admitir o fascínio que, em Farinha dos Santos, despertou a grandiosidade daqueles vastos espaços abertos, pontuados por enormes pedras que, erguidas do chão, pareciam querer despertar, pela mão dos arqueólogos, de um sono várias vezes milenário. É de sua autoria um belo artigo de síntese, publicado no número de Abril de 1974 da Revista francesa *Les Dossiers de l'Archéologie*, inteiramente dedicado a Portugal, intitulado “Dolmens et Menhirs de l'Alentejo”, a que se seguiu outro, em co-autoria com Pires Gonçalves, “Menhirs et cromlechs de l'Alentejo” apresentado ao IX Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas, reunido em Nice em Setembro de 1976. Com este seu Amigo e confrade, publicou ainda “O polidor rupestre num. 1 da Herdade da Capela (Reguengos de Monsaraz – Portugal)”, peça raríssima, senão única, da pré-história portuguesa: trata-se de um pequeno afloramento granítico de grão muito fino, com numerosas depressões em cuvetas oblongas, resultantes do afeiçoamento de artefactos de pedra polida, dado a conhecer no XV Congresso Nacional de Arqueologia, cujas actas se publicaram em 1979.

A Idade do Cobre também o interessou, tendo co-dirigido escavações, nos inícios da década de 1980, com alunos seus, num sector do povoado fortificado do Escoural, coroando o outeiro onde se abre a gruta já mencionada. Ainda no Escoural, escavou um monumento funerário colectivo de falsa cúpula, repleto de materiais arqueológicos intactos, com destaque para a riquíssima colecção de placas de xisto decoradas, talvez construído e utilizado pelos habitantes do povoado, publicando-o com O. da Veiga Ferreira, nas páginas de *O Arqueólogo Português*, em 1969. Aliás, a colaboração científica com este eminente arqueólogo, fora expressa, pela mesma altura, nas duas campanhas de escavações realizadas em 1968 e 1969 na Lapa da Rainha, no Vimeiro, com ocupação humana do Paleolítico Superior e abundantes faunas quaternárias, em comunicação apresentada às I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, cujas actas se publicaram em 1970.

A Idade do Bronze e, em particular, o chamado Bronze do Sudoeste, ou Bronze Meridional Português, na expressão acertada de Fernando Nunes Ribeiro, deve-lhe importantes contributos: destaca-se a publicação, em 1972 e em 1974, da necrópole da Provença, Sines, com C. Tavares da Silva e J. Soares, cuja descoberta e escavação integral – estendida à vizinha necrópole da Quitéria, do mesmo tipo e época – é facto excepcional, no contexto da Arqueologia portuguesa, e por isso mesmo digno de ser devidamente registado e salientado. Outro contributo neste âmbito, foi a publicação de uma tampa sepulcral insculturada do Bronze do Sudoeste, recolhida em Castro Verde, e guardada no Museu Nacional de Arqueologia.

A Idade do Ferro foi também contemplada pelas suas preocupações. É o caso da comunicação apresentada a 19/2/1982 à Academia, intitulada “A inscrição indígena da Cerca do Curralão (Almodôvar) e seu enquadramento num corpus do SO peninsular”, tendo então apresentado a distribuição geográfica das ocorrências conhecidas, sua possível cronologia e tipologia, sublinhando a necessidade de uma cooperação interdisciplinar entre arqueólogos e filólogos, com o propósito de alcançar a desejada decifração, ainda não conseguida: o nosso malgrado confrade Coronel Aboim Sande Lemos, chegou a confidenciar-me que considerava este tema como verdadeiro desígnio nacional da nossa investigação histórica: e é-o, de facto!

Digno de destaque é também o estudo sobre as fibulas recolhidas no castro da Cabeça de Vaiamonte, perto de Monforte, povoado fortificado cuja ocupação da Idade do Ferro abrange quase todo o I milénio a. C., até

à época romana republicana. Objecto de extensas escavações ordenadas por Manuel Heleno, entre 1951 e 1964, a quem não passou despercebida a importância ímpar do sítio, do seu opulento espólio destaca-se o conjunto estudado por Manuel Farinha dos Santos, constituído por mais de duas centenas de fíbulas, que subdividiu em seis grupos principais. Foi publicado nos Anais, em 1973, primorosamente ilustrado por 26 estampas com desenhos das principais peças. Bastaria este trabalho para confirmar a ímpar capacidade analítica do seu autor, servida por um espírito crítico indispensável a quem se abalança a estudos de carácter tipológico especializado.

A Numismática foi outro dos seus campos maiores de investigação. O *oppidum* referido serviu-lhe de ponto de partida para sucessão de artigos que, sozinho ou em colaboração, dedicou à numária dos primeiros tempos da dominação romana da Península Ibérica:

- “Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte” (1972), também publicado nos Anais desta Academia;
- “Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal)” (1973), em colaboração com C. Tavares da Silva e J. Soares. Trata-se de um dos primeiros estudos publicados sobre numária hispânica em que os respectivos materiais são integrados no contexto arqueológico do qual faziam parte integrante, valorizando deste modo as conclusões respectivas. A prática, infelizmente tão frequente entre nós, devido em parte à praga dos pesquisadores de tesouros, é a de se omitirem, ou mistificarem, por razões óbvias, as condições dos achados, senão mesmo os locais das descobertas, inutilizando, deste modo, o valor científico dos numismas enquanto documentos históricos e não apenas como meras peças de coleccionismo;
- “Moedas com inscrições púnicas de quatro oficinas hispânicas do litoral, pertencentes á colecção do Museu de Évora” (1977), publicado nas Actas do XIV Congreso Nacional de Arqueología, de colaboração com Graciana Marques. Este artigo inaugura a série, ainda hoje em curso de publicação pela sua distinta e dedicada colaboradora, sobra a colecção reunida por D. Frei Manuel do Cenáculo, e ainda hoje guardada na cidade de que foi arcebispo. No referido trabalho, reconheceu numismas de Abdera, Gades, Malaca e Sexsi, tendo ainda o mérito de apresentar a inventariação das 513 moedas hispânicas que constituem a referida colecção, distribuídas por 79 oficinas monetárias.

No seguimento desta linha de investigação, e de novo nos Anais da Academia, publicou, em 1979, “A oficina monetária lusitano-romana de Mérida e sua representação no Museu de Évora”, identificando 56 exemplares, cuidadosamente descritos, classificados e primorosamente desenhados, concluindo assim: “Um melhor conhecimento da circulação monetária na Península Ibéria, durante a Antiguidade, além de, por vezes, enriquecer a problemática cronológica, ajuda a compreender certos aspectos da vida económica e social das populações que habitaram a Hispânia desde os últimos séculos da Idade do Ferro até aos alvares do período medieval”.

Estes artigos, que tiveram continuidade na sua colaboradora Graciana Marques, a quem generosamente, como aliás era seu timbre, Farinha dos Santos deu apoio e estímulo para continuar, foram coroados pela excelente síntese, de 1980, publicada na Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura intitulada

“Numismática em Portugal”, que preenche sete densas páginas desta obra de referência. Em 1982 publicou, em sucessivos números da revista *Filatelia e Numismática*, o último desta série de estudos, “Algumas oficinas monetárias hispânicas representadas no Museu de Évora”.

No conjunto, constituem um dos mais notáveis contributos sobre numismática antiga peninsular, de todos os até ao presente publicados em Portugal, bastantes para notabilizar Farinha dos Santos neste tão difícil domínio, sobretudo quando é tratado com espírito científico, a única maneira, aliás, susceptível de merecer aceitação.

O período mais recente que o interessou foi, curiosamente, o primeiro a que, como arqueólogo, se dedicou: trata-se da dissertação de licenciatura, magnífico estudo das peças de “terra sigillata” conservadas no Museu Nacional de Arqueologia. Simplesmente, como era seu timbre, intitolou tal obra “Contribuição para um melhor conhecimento da “terra sigillata” encontrada em Portugal. Caso esta obra tivesse sido na altura publicada – ela ainda hoje é de leitura proveitosa – certamente os conhecimentos sobre o assunto teriam progredido muito mais rapidamente, reflectindo-se os seus efeitos ainda na actualidade; mas tal não aconteceu, para prejuízo dos estudos de Arqueologia Clássica em Portugal.

Vale a pena reler os três primeiros parágrafos de introdução, qual declaração de uma profissão de fé que estava destinado a brilhantemente cumprir:

“Quando em Agosto de 1954 parti para o Oriente, levei na bagagem alguns livros de Arqueologia.

Durante os dois anos de permanência naquelas paragens, aproveitei todos os momentos livres para os ler e consultar, com assiduidade, e aos da secção arqueológica da Biblioteca do Instituto Vasco da Gama da cidade de Goa. Também nessa altura o meu Amigo, Doutor Panduronga Pissurlencar, Director do Arquivo Histórico do Estado da Índia, teve a gentileza de me emprestar vários livros desta especialidade.

Cumprida a missão oficial, regresssei a Lisboa em Outubro de 1956 com bastantes apontamentos, um bom ficheiro, alguma preparação e ... muitos sonhos: pretendia entrar em contacto com os arqueólogos portugueses, aprender com eles as técnicas das escavações e acompanhá-los nos trabalhos de campo”.

Na última parte da dissertação, podem ler-se as seguintes palavras, que nas décadas seguintes se esforçou por transmitir às centenas de jovens, seus alunos de Arqueologia:

“O solo encerra preciosos testemunhos no seu seio. Para os compreender é preciso saber escavar, camada por camada, esse registo rigoroso da Natureza.

Constatee experimentalmente essa necessidade de usar técnicas apropriadas nas pesquisas arqueológicas, quando no Verão de 1957 participei, como principiante, na campanha de Tróia.

Aprendi nesses trabalhos de campo que se deve anotar todos os pormenores, conjugar a imaginação do poeta com a minúcia do relojoeiro, utilizar largamente a fotografia, o desenho e o metro e ... não ter pressa.”

Este estudo constituía, à época, o mais completo inventário sobre a “terra sigillata” do território português: ali se registam produções de variadas épocas e partes do Império, representadas por peças notáveis, que só muitos anos depois, e por outros investigadores, vieram a ser publicadas.

Na actividade arqueológica de Manuel Farinha dos Santos, avultam ainda estudos de índole geral, de carácter regional, ou mesmo nacional, como é o caso de um belo ensaio, publicado em 1962, nas actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia, intitolado “Algumas reflexões a propósito os problemas da Pré-História portuguesa”. Nele passa em revista, de forma objectiva, temas que mantém plena actualidade, como actuais

são, ainda a larga maioria das considerações respeitantes a cada um deles: Pré-História regional. A Pré-História nas Universidades. Institutos de Arqueologia anexos às Faculdades de Letras. Museu Etnológico. Especialistas e amadores. A educação do Público. Coleções de Pré-História. Trabalho de Equipa. Organismos protectores. Conclusões.

Recorde-se que esta comunicação sucedeu de perto à reforma das Faculdades de Letras que introduziu a disciplina obrigatória anual de Pré-História, declarando, a propósito, entusiasmado:

“Trata-se de uma medida do maior alcance e que permite o ensino daquela ciência com bastante desenvolvimento.

Quantas vocações não despertará esse estudo!

Cabe aos professores e assistentes a missão de escolher e preparar, entre os mais capazes e os mais interessados, os futuros pré-historiadores, atraindo-os para o trabalho dos Institutos, fortificando-lhes o entusiasmo, ensinando-lhes as técnicas, fazendo deles seus directos colaboradores e discípulos.

Um ano de regência desta disciplina na Faculdade de Letras de Lisboa, a lidar com cerca de uma centena de alunos, mostrou-me que está aqui o futuro da Pré-história portuguesa.”

O seu espírito visionário mas firmemente alicerçado na realidade, levou-o ainda a defender, quando o Museu Etnológico era simplesmente um organismo anexo à Faculdade de Letras, acumulando o Professor Catedrático de Arqueologia, por inerência, o lugar de seu Director, um estatuto verdadeiramente nacional para o mesmo, incompatível com a sua sujeição a um estabelecimento de ensino, o que só se veio a verificar muito mais tarde.

Ainda sobre a implementação da prática arqueológica, a nível nacional, defendendo que esta se deveria apoiar nos Institutos de Arqueologia criados no âmbito das Universidades, e de outros estabelecimentos centrais, declarou: “Distribuídos ao longo do país, se forem dotados de pessoal especializado e meios necessários, podem ser a vanguarda das actividades pré-históricas em todo o território nacional.” Este desígnio só veio a verificar-se muito depois, com a criação do IPPC e, depois, do IPPAR, e, enfim, em 1997, com a do Instituto Português de Arqueologia, e mesmo assim de forma limitada, que a mais não permitiram as dotações alocadas, a capacidade humana de resposta e as atribuições conferidas. Felizmente, temos hoje nas Autarquias, como a de Oeiras, um exemplo concreto da realização desse verdadeiro desígnio nacional, como ele próprio não se cansava de enaltecer, incitando-me a prosseguir, certo de que o exemplo seria rapidamente seguido por outras Câmaras Municipais, como de facto veio a acontecer.

Quanto à prática científica da Arqueologia, é igualmente profética a sua posição, numa altura em que o individualismo e as metodologias, já então obsoletas, de estudar os testemunhos arqueológicos eram a prática corrente em Portugal: “Temos de acabar, de uma vez para sempre, com o trabalho individual em pré-história.

A pesquisa deve ser feita por grupos de especialistas, preparados nas diversas técnicas. (...). Sem esta actividade colectiva, não vale a pena proceder a trabalhos de campo.”

Só nos nossos dias passou a ser obrigatória a previsão das diversas especialidades a que o arqueólogo se deve socorrer e o modo de as garantir, para a realização dos seus trabalhos.

E a concluir, declarou: “Se os problemas esboçados não forem vistos de frente, com decisão reformadora, é mais útil à Ciência deixar as antiguidades adormecidas, no seu sono muitas vezes milenar e esperar, com certa melancolia, que se criem melhores condições à pré-história portuguesa ...”.

Este notável documento, verdadeiro projecto de reestruturação nacional da actividade arqueológica, faria recuperar a Arqueologia Portuguesa do seu endémico atraso e amadorismo. O seu mérito, à época, é tanto maior, quanto é certo que partia de um simples segundo assistente recém-contratado. Como era de prever, estes considerandos não agradaram a Manuel Heleno, personalidade fechada e suspicaz: mas a frontalidade com que foram apresentados, e o respeito mútuo entre o Professor e o Assistente, fizeram com que a demissão deste durasse apenas ... duas horas, como o próprio um dia me contou.

A preocupação de Farinha dos Santos em introduzir na Arqueologia em Portugal uma prática pluridisciplinar, mediante a aplicação de novas técnicas, já então usuais em outros domínios, encontra-se bem expressa em dois estudos: “Aplicação da fotografia aérea no levantamento de cartas arqueológicas” (1965), publicado no Arquivo de Beja e “Possibilidades de aplicação do método da resistividade eléctrica na prospecção arqueológica” (1966), na revista *Ethnos*, de colaboração com o Eng. Joaquim Moura Esteves, decorrente de uma experiência concreta efectuada em área próxima da gruta do Escoural. Foi esta a primeira vez que se aplicaram métodos geofísicos à prática arqueológica, em Portugal. Merecem, por ainda hoje manterem plena actualidade, as considerações de Manuel Farinha dos Santos: “O que até agora se conseguiu com a aplicação dos métodos de prospecção geofísica permite-nos admitir que numa das próximas décadas vai alcançar-se elevado rigor científico na localização dos vestígios arqueológicos (...). Estamos no limiar de uma nova era de actividade arqueológica em que o trabalho lento, ao sabor das circunstâncias e preso a processos tradicionais deve ser substituído por uma investigação acelerada, eficiente e cada vez mais exacta.

Se não conseguirmos convencer as entidades responsáveis, e os menos esclarecidos, da necessidade de reformar, de alto a baixo e depressa, a metodologia arqueológica sujeitamo-nos a assistir, impotentes, à destruição do que resta do tomo sedimentado no subsolo”.

A visão estratégica de Manuel Farinha dos Santos, antecipando os acontecimentos e encontrando-se, deste modo, preparado para os resolver na altura própria, encontra-se expressa, não só pela sua actuação na criação do Grupo de Trabalhos Arqueológicos do Gabinete da Área de Sines, em 1972, mas também na prioridade dos trabalhos arqueológicos a desenvolver no âmbito da construção da barragem de Alqueva, de que foi um dos primeiros, senão o primeiro a chamar a atenção: remonta a 1976 preclaro depoimento, intitulado “Salvamento arqueológico da área a submergir pelo conjunto do Alqueva”, publicado em quatro números sucessivos, de 10 de Março a 21 de Abril do jornal eborense “A Defesa”. Todos nós tivemos conhecimento das recentes polémicas suscitadas a propósito do estudo científico deste valioso património arqueológico; poucos saberão que, há já mais de um quarto de século, Farinha dos Santos tinha chamado a atenção para o problema, quando a construção da obra era ainda mais do que incerta.

A sua preocupação com a salvaguarda do património arqueológico nacional, no seu todo, encontra-se também expressa na colaboração dada ao levantamento arqueológico-bibliográfico do País, solicitado ao Prof. Doutor Fernando de Almeida pela então Direcção-Geral do Planeamento Urbanístico, ao qual Farinha dos Santos, de imediato, se dispôs a conceder o seu contributo. Trata-se de importante repositório, feito com base nas cartas militares à escala de 1/25 000, que infelizmente não teve o merecido desenvolvimento. Mais tarde, já em 1990, e também por iniciativa da referida Direcção-Geral, colaborou em equipa que efectuo

idênticos trabalhos nos concelhos de Aljezur, Vila do Bispo, Monchique e Lagos, sob o título “Estudos de Integração do património histórico-urbanístico para a reabilitação urbana.

Importa ainda salientar uma faceta da actividade científica de Manuel Farinha dos Santos não menos importante que as anteriores: os seus trabalhos sobre a história da Arqueologia em Portugal e os dedicados à vida e obra de eminentes arqueólogos, alguns deles seus amigos, iniciaram-se em 1965, com a publicação, na revista *Ethnos*, de “O Abade de Baçal e a arqueologia pré-histórica de Trás-os-Montes”. Mais tarde, nos *Anais da Academia*, em 1980, publicou “Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880”, importante repositório de informações, cuidadosamente coligidas e organizadas, sobre uma temática que só hoje, a pouco e pouco, vem sendo estudada como merece. Logo a seguir, no Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada, cujas actas se publicaram em 1981, traçou a “Contribuição de Martins Sarmento para a Arqueologia Pré-Romana de Portugal”, e, no ano seguinte, publicou singela homenagem bio-bibliográfica do seu Amigo Prof. Doutor António Alberto Banha de Andrade, que exercia, à data do seu passamento, em Junho de 1982, o cargo de 2º. Vice-Presidente desta Academia.

Em 1987, deu à estampa dois contributos na mesma área, “Antropologia Pré-Histórica em Portugal”, onde inventariou e caracterizou, indicando a respectiva bibliografia, as mais importantes estações arqueológicas que, até à data, tinham fornecido restos humanos no País, e “Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História”, lida numa das sessões comemorativas do cinquentenário da Academia e depois publicada nas respectivas actas. Ali traçou os percursos de Afonso do Paço, Eugénio Jalhay, Manuel Heleno, Mário Cardozo, e Fernando de Almeida, de quem viria a fazer o elogio, feito neste mesmo local, no dia 28 de Novembro de 1980, aquando da sucessão da cadeira ocupada por aquele ilustre arqueólogo, seu Amigo e de quem era, de há muito, colaborador.

Enfim, deve registar-se as muitas entradas que preparou para a *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, sobre estações da Pré-História portuguesa e europeia.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

O Prof. Dr. Manuel Farinha dos Santos desapareceu definitivamente do nosso convívio. Mas esse desaparecimento foi apenas físico. Na verdade, os homens só morrem quando deles tiver desaparecido a recordação de quem os estimou e respeitou em vida, procurando seguir o seu exemplo de probidade, criatividade, dignidade e dedicação a um ideal, qualidades que foram expressas ao mais alto grau, pelo Mestre e Amigo. Dele brotavam naturalmente a simpatia do trato e a genuína alegria, que transbordava com os êxitos dos seus discípulos ou amigos, como se fossem seus: e eram, na verdade seus, pelo muito que queria a todos eles. Não tive a sorte de ser seu aluno; orgulho-me, porém, de ter sido seu Amigo e colaborador próximo; e conto-me entre os seus admiradores sinceros, recordando, em cada dia que passa, o seu carácter digno, a tenacidade na acção e a bondade da sua alma. Na ausência do Homem, permanece a Obra, para benefício de todos e o exemplo de uma vida íntegra, preenchida sem mácula.

BIBLIOGRAFIA DE MANUEL FARINHA DOS SANTOS

1958

1 – *Contribuição para um melhor conhecimento da “terra sigillata” encontrada em Portugal – A “terra sigillata” do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos.* Dissertação de licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Copiografada. 245 pp.

1961

2 – *O pintor Sousa Lopes.* Dissertação apresentada no exame final do Curso de Conservadores dos Museus, Palácios e Monumentos Nacionais. Copiografada. 2 vol., 192 pp. e 234 fot.

1962

3 – Algumas reflexões a propósito dos problemas da Pré-História portuguesa. Actas do I Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto/Guimarães, 1961). *Stvdivm Generale*. Porto. 9 (1), pp. 159-166.

4 – *Sousa Lopes.* Lisboa. Catálogo da Liga dos Combatentes, pp. 13-69.

5 – A educação artística das classes populares. *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga.* Lisboa.

1964

6 – Vestígios de pinturas rupestres descobertos na gruta do Escoural. *O Arqueólogo Português.* Lisboa. Série II, 5, pp. 5-51.

1965

7 – Aplicação da fotografia aérea no levantamento de cartas arqueológicas. *Arquivo de Beja.* Beja. 22, pp. 137-142.

8 – Coleções de pré-história. *Arquivo de Beja.* Beja. 22, pp. 157-159.

9 – Recensão: Le geste et la parole. *Revista de Etnografia.* Porto, pp. 247-249.

10 – O abade de Baçal e a arqueologia pré-histórica de Trás-os-Montes. *Brotéria.* Lisboa. 80 (4), pp. 509-518.

11 – O abade de Baçal. *Ethnos.* Lisboa. 4, pp. 59-62.

12 – La grotte ornée d’Escoural. *Bulletin de la Société Préhistorique Française.* Paris. 62, pp. 110-117 (de colaboração com abbé Glory e M. Vaultier).

1966

13 – Possibilidades de aplicação do método da resistividade eléctrica na prospecção arqueológica. *Ethnos.* Lisboa. 5, pp. 313-335.

1967

- 14 – Noções de Pré-História. *Arquivo de Beja*. Beja. 23/24, pp. 3-50.
- 15 – Novas gravuras rupestres descobertas na gruta do Escoural. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 87 (1/2), pp. 18-34.
- 16 – *Arqueologia do concelho de Montemor-o-Novo – Realizações, problemas, perspectivas*. Montemor-o-Novo. 19 pp.
- 17 – A necrópole do tipo “tholos” de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 1, pp. 107-113.
- 18 – Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, Série III, 1, pp. 113-114.
- 19 – Mário Tavares Chicó. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 5, p. 244.
- 20 – Homem de Cro-Magnon. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, pp. 427-429.
- 21 – Datação. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, pp. 802-805.
- 22 – Dendrocronologia. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, p. 997.
- 23 – Deusa-Mãe. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 6, p. 1188.

1968

- 24 – Concheiro mesolítico do Barranco da Moura, Grândola. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 2, p. 183.
- 25 – Pré-História do Egípto. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 189-195.
- 26 – Enxó. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, p. 627.
- 27 – Ertebollense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 812-813.
- 28 – Técnicas de escavação. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 870-874.
- 29 – Gruta do Escoural. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 940-943.
- 30 – Pré-História de Espanha. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 1080-1096.
- 31 – Estação. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 7, pp. 1344-1345.

1969

- 32 – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, pp. 37-62 (de colaboração com O. da Veiga Ferreira).
- 33 – O. da Veiga Ferreira. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 645-646.
- 34 – Fíbula. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 738-739.
- 35 – Datação pelo fluor. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, p. 1092.
- 36 – Foice. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1133-1135.
- 37 – Gruta de Font-de-Gaume. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1196-1198.
- 38 – Fotografia aérea. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1359-1362.

- 39 – Práticas funerárias. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1809-1810.
40 – Gruta da Furninha. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 8, pp. 1818-1821.

1970

- 41 – Notícia preliminar sobre as escavações na Lapa da Rainha (Vimeiro). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa. 1, pp. 271-288 (em colaboração com J. Roche, Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira).
42 – Protecção dos testemunhos da arte rupestre pré-histórica. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969). Lisboa, 2, pp. 459-462.
43 – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 4, pp. 61-64.
44 – Iberos. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 10, pp. 731-742.

1971

- 45 – A cerâmica cardial da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 1, pp. 93-94.
46 – Manifestações votivas da necrópole da gruta do Escoural. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. 1, pp. 95-96.
47 – Relatório da Secção de Pré-História da Associação dos Arqueólogos Portugueses relativo ao ano associativo de 1970/1971. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 3, pp. 361-368.
48 – Lâmina. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 11, pp. 1389-1390.
49 – Gruta de Lascaux. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 11, pp. 1489-1496.
50 – Magdalenense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 12, pp. 1027-1031.
51 – Arte pré-histórica em Portugal. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 38.

1972

- 52 – Pré-História de Portugal. Lisboa: Editorial Verbo. 174 pp.
53 – Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão-Vale do Sado). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, pp. 163-192 (em colaboração com Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva).
54 – Região mediterrânica. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 174-179.
55 – Arte funerária megalítica. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 190-198.
56 – Megalitismo. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 198-202.
57 – Menir. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 342-345.
58 – Mesolítico. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 429-431.
59 – Mustierense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 1617-1620.
60 – Natufense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 13, pp. 1728-1730.

61 – II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 6, pp. 315-319.

62 – Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 21, pp. 491-511.

1973

63 – As II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1, pp. 7-9.

64 – Aestela decorada de Castro Verde. *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1, pp. 223-227.

65 – Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). Lisboa. 1, pp. 307-318 (de colaboração com Joaquina Soares e C. Tavares da Silva).

66 – Fíbulas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 22, pp. 187-197.

67 – Prehistoric rock engraving at Fratel, Portugal. *Antiquity*. Londres. p. 238.

68 – Gruta de Niaux. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, pp. 67-70.

69 – Manuel Afonso do Paço. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, pp. 1012-1013.

70 – Abrigo de Pala Pinta. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, pp. 1098-1099.

71 – Palinologia. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 14, p. 1152.

1974

72 – Bibliografia arqueológica de Joaquim Fontes (1910-1960). *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972). 1, pp. 9-16.

73 – O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (vale do Sado – Torrão). Primeira notícia. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973). Porto. 1, pp. 173-189 (de colaboração com Joaquina Soares e C. Tavares da Silva).

74 – Necrópole da Provença. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série IX, 5, pp. 69-99.

75 – *Pré-História de Portugal*. 2ª. Edição. Lisboa. Editorial Verbo, 175 p.

76 – Dolmens et menhirs de l'Alentejo. *Les Dossiers de l'Archéologie*. Paris. 4, pp. 10-18.

77 – Pré-História. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 15, p. 995.

78 – Proto-História. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 15, p. 1282.

79 – Resistividade. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, p. 408.

80 – Grutas de Rio Maior. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, pp. 642-643.

81 – Arte rupestre. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, pp. 962-967.

82 – Sangoense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 16, p. 1246.

1975

83 – A necrópole da Idade do Bronze da provença, Sines. *Actas XIII Congreso Nacional de Arqueologia* (Huelva, 1973). Zaragoza, pp. 417-432. (em colaboração com Joaquina Soares e C. Tavares da Silva).

84 – Smithfieldense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 341-342.

85 – Talaiota. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, p. 987.

86 – Tardenoisense. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 1061-1062.

87 – Arte rupestre do Tassili. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 1084-1087.

88 – Tipologia. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 17, pp. 1573-1575.

1976

89 – Salvamento arqueológico da área a submergir pelo conjunto do Alqueva. *A Defesa*. Évora. 10 e 24 de Março e 7 e 21 de Abril.

90 – A fotografia aérea ao serviço da Arqueologia. *A Defesa*. Évora. 28 de Julho, 4 e 25 de Agosto e 1 de Setembro.

91 – Menhirs et cromlechs de l'Alentejo (Portugal). *Actas do IX Congresso da União Internacional de Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas* (Nice, 1976). Résumés des Communications, supplément, p. 65 (em colaboração com José Pires Gonçalves).

1977

92 – Moedas com inscrições púnicas de quatro oficinas hispânicas do litoral, pertencentes à colecção do Museu de Évora. *Actas do XIV Congreso Nacional de Arqueologia* (Vitoria, 1975). Zaragoza, pp. 795-810 (em colaboração com G. Marques).

93 – Gruta de Tuc d'Audoubert. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 18, pp. 199-200.

1978

94 – Ajazida arqueológica da Horta da Arraieira (Reguengos de Monsaraz). *A Defesa*. Évora (separata do Grupo dos Amigos de Monsaraz, 5 pp).

1979

95 – O polidor rupestre n.º 1 da Herdade da Capela (Reguengos de Monsaraz). *Actas XV Congreso Nacional de Arqueologia* (Lugo, 1977). Zaragoza, pp. 375-384 (em colaboração com José Pires Gonçalves).

96 – A oficina monetária lusitano-romana de Mérida e sua representação no Museu de Évora. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 15, pp. 421-465.

97 – Gruta de Bedeilhac. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa. 1.º Volume do Suplemento (19), pp. 456-459.

- 98 – Mont Bégo. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1º. Volume do Suplemento (19), pp. 460-464.
- 99 – Buriil. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1º. Volume do Suplemento (19), pp. 607-608.
- 100 – Gruta de Combarellas. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1º. Volume do Suplemento (19), pp. 840-843.
- 101 – Gruta de Ebbou. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1º. Volume do Suplemento (19), pp. 1102-1104.
- 102 – José Camarate França. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1º. Volume do Suplemento (19), pp. 1349-1351.
- 103 – Gruta de Gabillou. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 1º. Volume do Suplemento (19), pp. 1385-1388.

1980

- 104 – Descobertas de arte rupestre na gruta do Escoural (Évora, Portugal). *Altamira Symposium*. Madrid, pp.205-243.
- 105 – Gruta de La Pileta. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 310-312.
- 106 – Georg Klauss Leisner. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 353-354.
- 107 – Vera Leisner. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 353-354.
- 108 – Gruta de Marsoulas. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 466-468.
- 109 – Gruta de Nerja. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 625-627.
- 110 – Numismática em Portugal. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 664-670.
- 111 – Gruta de Portel. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 873-875.
- 112 – Leonel Ribeiro. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 1051-1052.
- 113 – Gruta de Rouffignac. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 1084-1087.
- 114 – Arte rupestre em Portugal. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 1093-1101.
- 115 – Terra Amata. *Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. 2º. Volume do Suplemento (20), pp. 1328-1330.

116 – Estudos de Pré-História em Portugal de 1850 a 1880. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 26 (2), pp. 253-297.

117 – Estudos de Pré-História em Portugal no primeiro quartel do século XX. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 44.

1981

118 – Contribuição de Martins Sarmiento para a Arqueologia pré-romana de Portugal. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Guimarães. 4, pp. 127-135.

1982

119 – *Prof. Doutor António Alberto Banha de Andrade. In Memoriam*. O Montemorense. Série III, ano 1 (8) e Boletim do Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo, 32-33. Separata da Academia Portuguesa da História. Lisboa. 6 pp.

120 – Algumas oficinas monetárias hispânicas representadas no Museu de Évora. *FN – Filatelia e Numismática*. Lisboa. 10, 11, 12.

121 – Antropologia Pré-Histórica em Portugal. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 27, pp. 131-158.

122 – A inscrição indígena da Cerca do Curalão (Almodôvar) e seu enquadramento no *corpus* do SO peninsular. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 46.

1983

123 – A estatueta feminina paleolítica descoberta em Setúbal no quadro da fenomenologia mágica da arte quaternária. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 47.

124 – O santuário exterior do Escoural. Sector NE. (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*. Salamanca. 36, pp. 287-307 (de colaboração com Rosa e Mário Varela Gomes).

125 – Estatueta paleolítica descoberta em Setúbal. Setúbal Arqueológica. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6/7 (1980/1981, publicado em 1983), pp. 29-37.

1985

126 – A jazida epipaleolítica do vale da Fonte da Moça (Almeirim). *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 49.

127 – Manifestações neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do Outeiro da Herdade da Sala (Escoural, Montemor-o-Novo, Portugal). *Actas do XVII Congreso Nacional de Arqueologia* (Logroño, 1983), Zaragoza, pp. 135-144.

128 – O povoamento pré-romano do distrito de Castelo Branco, arqueologia da beira Baixa. *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Beira Baixa* (Castelo Branco, 1979). Castelo Branco (publicadas em 1983), pp. 12-29.

129 – *Pré-História de Portugal*. 3ª. Edição, actualizada. Lisboa. Editorial Verbo, 214 pp.

130 – *Elogio do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida*. Academia Portuguesa da História. Lisboa. 57 pp.

1986/1987

131 – O podomorfo de Peroliva (Reguengos de Monsaraz, Portugal), no contexto das pegadas humanas rupestres do território português. *Bajo Aragon Prehistoria* (Actas I Congreso Internacional de Arte Rupestre). Caspe (Zaragoza). 7/8, pp. 273-278 (em colaboração com J. M. F. Rolão e M. G. D. Marques).

1987

132 – Os estudos de Pré-História e Arqueologia na Academia Portuguesa da História. *Actas do Cinqüentenário da Academia Portuguesa da História* (Lisboa, 1986). Lisboa. Pp. 313-332.

1988

133 – Pré-História do Baixo Tejo: sondagem 1/87 da jazida epipaleolítica n.º 2 do Vale da Fonte da Moça (Almeirim). *Simpósio “O Bronze Final na Beira Interior”* (Mação, 1988). Resumos das comunicações (em colaboração com M. G. D. Marques e J. M. F. Rolão).

134 – Aspectos morfológicos de uma vértebra humana do Calcolítico (necrópole da Buraca da Moura – Torres Novas). *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu* (Viseu, 1988). Viseu, pp. 143-148 (em colaboração com T. Mota, J. Vaz e A. S. Cunha).

1989

135 – Duas novas jazidas epipaleolíticas do Baixo Tejo: n.º 1 e 2 do vale da Fonte da Moça (Almeirim), sua exploração arqueológica e salvaguarda. *Actas do 1.º Congresso do Tejo* (Lisboa, 1987). Lisboa. 1, pp. 33-38.

136 – Primeira notícia sobre a arte mobiliária epipaleolítica do baixo Tejo. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 51, pp. 237-239.

1990

137 – *Estudos de integração do património histórico-urbanístico para a reabilitação urbana* (coordenação de J. M. Silva Passos). Lisboa, DGOT. 1 – Aljezur, Vila do Bispo, Monchique e Lagos. Levantamentos em 119 cartas, à escla de 1/25 000.

138 – Artefactos do Paleolítico Superior da gruta do Escoural. *Almensor*. Montemor-o-Novo. 8, pp. 15-36 (de colaboração com M. V. Gomes e J. L. Cardoso).

1991

139 – Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo). *Almonsor*. Montemor-o-Novo. 9, pp. 75-94 (em colaboração com M. V. Gomes e J. L. Cardoso).

140 – Saudação ao Professor Doutor José Carro Otero. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 52.

1991/1992

141 – Centenário da morte de Estácio da Veiga: Estácio da veiga, arqueólogo. *Boletim da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. 53, pp. 233-234.

142 – Seixos gravados da jazida epipaleolítica do vale da Fonte da Moça (Almeirim). *Mediterrâneo*. Lisboa. 2, pp. 233-244 (Actas do I Congresso Mediterrâneo de Etnologia Histórica, Lisboa, 1991).

1994

143 – Notícia preliminar sobre “Fraga das Passadas” (Valpaços. Portugal). *Zephyrus*. Salamanca. 47, pp. 353-363 (de colaboração com A. Freitas e J. M. Rolão).

144 – Lisboa pré-romana. *Dicionário da História de Lisboa* (dir. F. Santana e E. Sucena). Lisboa, pp. 499-503.

145 – Paleolítico de Torres Vedras. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, pp. 10-18 (de colaboração com A. Carolino).

146 – Paleolítico Superior tardio da jazida do Camarnal (Alenquer). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, pp. 25-30 (de colaboração com J. M. Rolão).

147 – O santuário exterior do Escoural – sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa. 2, pp. 93-108.

1996/1997

148 – Gravuras rupestres do distrito de Bragança: elementos para a sua localização e estudo. *Anais da Universidade Autónoma de Lisboa – série História*. Lisboa. 3 / 4, pp. 105-113.

1999

149 – Um notável biface acheulense da serra do brunheiro (Chaves). *Stvdivm Dilectvm. Colectânea de homenagem ao Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida*. Lisboa. Academia Portuguesa da História, pp. 251-263 (em colaboração com J. L. Cardoso).

150 – Riqueza e diversidade do registo arqueológico: o caso do litoral a Norte da praia de Santa Cruz (Torres Vedras). *Fraternidade e Abnegação, a Joaquim Veríssimo Serrão, os Amigos*. Lisboa. Academia Portuguesa da História. 2, pp. 673-683 (em colaboração com J. L. Cardoso).